

Um bilhete para

Adélia Prado

O Artífice editorial

Charles Guimarães

Um bilhete para

Adélia Prado

Ae 
O Artífice editorial

Um bilhete para

Adélia Prado

Charles Guimarães

O Artífice editorial

“E o verbo se fez carne e habitou entre nós.”

(Jó 1:14)

Sumário

Prefácio	11
Introdução	13

Quando as histórias nos abraçam

A morte do poeta	17
Um bilhete para Adélia Prado	21
Um conto para Adélia Prado	23
A primeira crônica e o bar do Sô Ladico	27

Na sala de aula da vida, poesia e música

Gonzaguinha me disse não	33
Flávio Venturini e a Serra da Canastra	35
A um amigo que se foi.....	39
Bentinho e Capitu na sala de aula.....	43
“Professor, eu estou ligeiramente grávida!”	47
“Professor, eu vou ser caminhoneiro!”	51
Doe livros, doe histórias, doe esperança	53
Operações tendenciosas	55
Entre os muros da escola	57
Hipocrisias no paraíso	59

Na política da vida

Hora de temer	65
A Síria é aqui.....	67
Flashes de intolerância.....	71
Arrogância castigada	73
<i>Décadence avec élégance</i>	77
Ensaio sobre as cegueiras e a pandemia.....	79

Urbanidades & Delicadezas

Que cidade é esta?	83
Cidade operária, cidade literária	85
Felicidade clandestina	87

Incomunicabilidades

Autômatos.....	91
Quem não se comunica, se trumbica	95

“Mergulhado na tristeza
O homem observava o rio
Que seguia calmo o seu curso.
– Posso ser grande mesmo sendo pequeno?
Confabulava consigo.
Longo ou estreito,
Raso ou profundo.
Ciente da resposta,
Caminhou para casa,
Abraçou a mulher
E foi brincar na varanda com os filhos.”

Geraldo Falcão

Aos meus dois pais, Saturnino de Brito e Jacques Guimarães.
Aquele me deu a vida, este me deu um nome e uma família.

A Geraldo Falcão, poeta e contista que se foi sem ver esta
minha reedição. Espírito inspirado que me dá força.

Prefácio



Quando entrei em contato com a obra do amigo escritor Charles Guimarães, isso nos idos de 2015, pude perceber a verve pulsante do cronista que se dizia iniciante. Isso porque seus textos nos tiram da cômoda posição de leitor, e nos fazem sujeitos participativos das situações ali narradas. Algo que de fato o diferencia. Uma marca perceptível já nos primeiros parágrafos. Crônicas como *Gonzaguinha me disse não*, *Flashes de intolerância*, ou até mesmo *Hipocrisias no paraíso* têm essa pitada atemporal.

O professor Pedro Pires Bessa, em seu livro *Crônica Literária*, publicado pela Usina de Letras (2012), define a crônica como um dos gêneros mais antigos e mais abundantes que existe: “Desde a Antiguidade, entre os latinos, Sacerdotes Supremos registravam os fatos de seus pontificados nos *Annales Pontificum*.”

É essa a função deste gênero, deixar a compilação de fatos. E aqui cabe a velha máxima: quem conta um conto, aumenta um ponto. No caso de Charles Guimarães, aumenta um ponto de vista.

Não foi surpresa a notícia da publicação deste livro, já que eu havia vaticinado desde quando recebi os primeiros textos para leitura e avaliação. Já que o então cronista pedia a minha opinião e análise de seus textos, nem sei se eu tinha competência para tal, mas usei da experiência que tenho como poeta e contista para fazer dois pedidos a ele: nunca pare de escrever e publique os seus livros.

Acho que ele ouviu, pois ainda escreve as suas crônicas e as publica em jornais da região e já está publicando este que é o seu segundo livro. E deixa claro que este nobre amigo é dono de uma versatilidade pouco comum, uma vez que é um exímio poeta e seus contos têm recebido elogios de seus pares acadêmicos. Agora só falta publicá-los.

Um bilhete para Adélia Prado é um desses livros que a gente lê querendo mais do autor. A história que dá título ao livro é uma delas, pois – sem querer dar *spoiler* – envolve duas escritoras, uma, de quem eu sou leitor assíduo, dispensa comentários e, a outra... bom a outra fica por conta da leitura e imaginação de cada um. Todavia, o enredo segue seus propósitos que são de narrar um fato, criar uma reflexão e, acima de tudo, fomentar a leitura de obras literárias dos mais variados gêneros.

Que esse *Bilhete...* possa ter destinos, milhares de destinos. Que possa ser lido e decifrado por aqueles que gostam de uma boa prosa, de uma boa história.

Geraldo Falcão, poeta e contista

Introdução

“Escrever é a arte de cortar palavras.” Essa colocação do grande poeta mineiro Carlos Drummond de Andrade, simples e objetiva, pois o significado somos nós que colocamos. Daí a genialidade do autor de tantos poemas belos que cortava as palavras e as tornava ainda mais belas.

“Minha vida, nossas vidas, formam um só diamante. Aprendi novas palavras, e tornei outras mais belas”, segue o mestre de Itabira, em *Canção amiga*, que com seu toque de Midas dourava todas as palavras que tocava.

Inspirado por Drummond, Adélia, Guimarães Rosa e uma centena, ou mais, de escritores, resolvi ‘cortar’ palavras procurando deixá-las mais belas. Busquei na crônica meu exercício constante de ourives dos vocábulos e encontrei muitas pedras no caminho, encontrei também um grande poeta e contista que me fez não só rever alguns conceitos, como também me estimulou a ter uma marca, uma digital literária.

Cito o escritor montesclarenses Geraldo Falcão, que escrevia por distração e entregava pérolas de valores inestimáveis. Poeta que, descobri depois, ser um parente distante de minha mãe. Escritor que não tinha compromisso com a disseminação da sua poesia. Um sábio ávido pelas palavras que me ensinou que as pedras têm o seu lirismo. Basta ler este poema de Drummond.

Destarte, mesmo que tardio, resolvi dedicar esta reedição a este amigo que se foi. Vide minha crônica *A morte do poeta*.

Primeiro a ler minhas garatujas e que, sem dó nem piedade, tecia críticas valorosas que me ajudaram a levar adiante este projeto. Predicado que adquirimos com a velhice. Comprometimento com a verdade. Doe, mas cresci, estou crescendo.

Assim sendo, *Um bilhete para Adélia Prado* vem com uma nova roupagem, com o acréscimo de algumas crônicas que, seja por esquecimento, ou por deliberação, não entraram na primeira edição. E creio que este, sim, seja o verdadeiro *Bilhete*. Mais maduro, mais identificado comigo. Elaborado sem a ansiedade da estreia. Mas o frio na barriga persiste. Normal! Diria meu amigo, Geraldo Falcão: “Hoje, sob a sombra do pequizeiro, busco o vento e a poesia, olhares de quem amarelou os dentes, hoje, com o coração sereno.”

Charles Guimarães

Quando as histórias nos abraçam



A morte do poeta

...Tenho meu prêmio.

Sou sábio.

Deus quanto mais velho fica,

Mais adoradores tem.

Estou longe de ser Deus.

Geraldo Falcão

Foi por necessidade que me aprofundei na obra do escritor montesclarenses Geraldo Falcão. Buscava saber se na minha família haveria alguém que como eu tivesse essa avidez pelas palavras, pelo lirismo. Fui então atrás da família de meu falecido pai. Quem sabe? Pessoas ligadas ao jornal, eu poderia achar alguma coisa. Meu avô fora tipógrafo do jornal *Estado de Minas* e meu pai, linotipista. Duas profissões que se extinguiram. Não encontrei o que queria. Fui buscar na família de minha mãe. Indicaram um primo dela, primo distante que morava em Belo Horizonte. É aí que a história começa.

Geraldo Alves Martins de Brito nasceu em Montes Claros na terceira década do século passado, 1931, para ser preciso.

Segundo ele, quando moço, passou por várias profissões, sem largar os estudos. Chegou a ser maquinista da Rede Ferroviária Federal. Emprego que lhe rendia um bom salário, já que por esse tempo estava casado e pai de dois filhos. Escrevia entre uma parada e outra. Às vezes os versos se perdiam em meio à fuligem, ao óleo e à graxa, mas a maioria se salvou.

Formou-se em Direito, já morando na capital mineira. Os filhos, agora três, cresceram e ele aposentou-se aos 48 anos pensando em exercer a advocacia. A esposa, bordadeira de mão cheia, trabalhava para manter as encomendas em dia. Os filhos, dois homens e a filha caçula, estavam encaminhados nas profissões que escolheram.

Ouvi este resumo de vida do próprio Falcão, que não ficava à vontade em relatos pessoais. Gostava mesmo era falar de poesia, de contar a história de seus contos que, como ele mesmo dizia, pegava emprestado entre uma estação e outra:

– Trabalhar na Rede foi penoso e, ao mesmo tempo gratificante, meu filho. Eu ouvia as histórias das pessoas em algumas paradas e já as transformava em contos – dizia, com um brilho nos olhos.

Então, me ative somente ao poeta, ao escritor. Já que esse era o meu propósito.

Fui apresentado a um vasto material que, entre poemas e contos, mostrava a grandiosidade do escritor e desprendimento do homem diante da sua obra. Desapego total, uma vez que só havia publicado um livreto com poemas e um livro com

cinco contos. E foi daí que pedi permissão e me apossei de seus contos infantis como *O Rei Voz de Trovão*; *Os Filhos do Rei* e *Pedrinho Passarinho* para usá-los em minhas contações de histórias. Isso tudo já em 2014, há dez anos. Geraldo Falcão já era um senhor com 83 anos. Lúcido e às vezes bem-humorado. Com alguns probleminhas de saúde, mas nada que a patroa não desse conta de resolver:

– Vacila não, Geraldo! Pois, você pode ir antes de mim – dizia dona Aurora Maria Pereira de Brito, parceira para a vida toda, denominação recebida pelo marido.

Mostrei a ele a primeira edição do meu livro. Torceu o nariz. Faltava brilho na capa, algumas ilustrações dentro dele, assim como algumas crônicas. Pontuava. Falei que iria reeditá-lo, seguindo aqueles conselhos e que o prefácio seria dele. Senti os olhos do meu amigo brilharem.

Prefácio entregue na segunda, 7/10/2024, meu amigo falece na sexta, 11/10. Recebi a notícia no sábado. Dona Aurora, resignada, segurou a barra para os filhos chorosos, inclusive a minha também.

Percebi novamente o quanto a vida é etérea e as pessoas são colocadas no nosso caminho com algum propósito que às vezes deciframos.

Obrigado, meu mestre e amigo! Sigamos em paz!

Há histórias que nos abraçam a despertar faíscas e incêndios literários, como as crônicas de Charles Guimarães. Elas podem parecer histórias lá das Gerais, mas, com olhar agudo, ele lê o que existe ao redor, em Carmo do Cajuru e Divinópolis, pelo Brasil ou mundo afora. Revela sentimentos e a análise profunda da realidade que afeta a todos diante de fatos sociais, políticos, musicais, literários, mas muito humanos.

Por isso, o autor surpreende com tons coloridos da sua infância, alegres aventuras adolescentes, encontros musicais com Gonzaguinha e Flávio Venturini, na estrada da vida... E, especialmente, o impulso dado em sua carreira literária por Adélia Prado, homenageada nesta obra. Impactado por breves frases que trocaram em uma biblioteca, por diálogos que repercutiram na alma, a vida de Charles mudou de trajetória, e o leitor acompanha o resultado neste livro.

Só quem tem talento como este cronista consegue navegar por tantos temas e lugares, tendo em sua gênese a raiz da literatura, o que aprendeu com o mineiro Carlos Drummond, com o pai da literatura Machado de Assis, com o que compreendeu em sala de aula, como aluno. E hoje amplia os horizontes de seus alunos como mestre.

Portanto, não se engane com essas crônicas – notadamente textos curtos –, mas que alinhavam minudências, miniaturas do cotidiano e irão despertar seus sentimentos e levá-lo à reflexão com leveza e assombro.

Solange Sólón Borges, escritora e editora

Ae
O Artífice editorial

